



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SIDIO ABEL TRINDADE

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Sidio Abel Trindade

Nascimento: 02.05.1955

Local da entrevista: residência do entrevistado

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 06.11.2014

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 31 minutos e 52 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita. Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação e entorno social; Envolvimento com a dança; Formação profissional; Aulas com o Professor Rolla; Espetáculos da Escola de Dança João Luiz Rolla; Formação e estilo de trabalho do Professor Rolla; Sobre as críticas nos jornais; Homens na dança; Envolvimento com figurinos e atelier; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 06 de novembro de 2014, entrevista com Sidio Abel Trindade a cargo do pesquisador Maria Luisa de Oliveira da Cunha para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

S.T. – Sidio Abel de Trindade.

M.C. – Tua data de nascimento?

S.T. – 02 de maio de 1955.

M.C. – Tu és natural de onde?

S.T. – Rio Pardo

M.C. – E como iniciou tua história na dança?

S.T. – Olha eu conheci uma senhora chamada Sueli Cacciatori¹ em Santa Maria por que na época eu era artista plástico e morava em Santa Maria. Eu nasci em Rio Pardo, mas mudei neném para Santa Maria com os meus pais. Dona Sueli era amiga do Rolla porque eles faziam cursos juntos, faziam parte da Associação dos Professores de Dança do Rio Grande dos Sul que foi um movimento fortíssimo que teve nesta época por volta da década de 60. Faziam parte deste movimento Lenita Ruschel² e muitas escolas de Porto Alegre. E este movimento de dança era muito forte. Eles nos convidavam para cursos, traziam professores do exterior era o sonho dourado da dança nesta época de 1960 em Porto Alegre.

M.C. – Mas tu me falava de quando estavas em Santa Maria...

S.T. – Sim, pois foi pelo meu interesse nas artes plásticas que eu fui estudar na escola dela e ela me convidou pra dançar. Naquela época era um horror um homem dançar.

M.C. – Ela tinha uma escola de dança?

S.T. – Sim chamava-se Escola de Arte Sueli Cacciatori onde ela dava aula de balé. Ela transferiu a escola de Itaqui para Santa Maria e foi onde eu comecei toda minha história. Foi só o início por que eu sempre tive alma de artista, agia como um artista autodidata

¹ Sueli Cassiatori

²² Lenita Ruschel

vamos dizer... Eu pintei, bordei, desenhei sempre estive envolvido com isso. Quando ela me convidou pra dança eu achei aquilo um horror assim [riso], mas adorei a ideia por ser desafiadora. E entrei... e entrei de cabeça. No primeiro curso que eu vim fazer em Porto Alegre conheci João Luiz Rolla já velho... bem velho...

M.C. – Tu já dançavas com ela na escola?

S.T. – Já há bastante tempo.

M.C. – Tu chegou a concluir o curso de balé nesta escola?

S.T. – Não eu vim a concluir o curso com Dona Tony Petzhold³ já em Porto Alegre. Por que alguns anos depois Dona Sueli Cacciatori se mudou para Porto Alegre, mas aí eu já dava aula, já auxiliava nas aulas. E aí eu vim junto para Porto Alegre não lembro bem o ano. E aí eu tive contato com João Luiz Rolla por que ele precisava muito de bailarinos e eram poucos. Então nós éramos muito bem remunerados para dançar naquela época.

M.C. – Tu lembras o momento em que tu conheceu João Luiz Rolla?

S.T. – O primeiro momento foi em um curso na escola da Dona Lenita Ruschel naquela época ela era presidente desta associação de professores de dança clássica. E ela trouxe alguém da argentina para dar um curso, uma pessoa importantíssima. E eu vim fazer este curso e o conheci. Ele já tinha muita idade naquela época. Ele só dava as aulas... ele sempre foi uma pessoa muito ativa eu já o conheci velho, mas não velho no sentido pejorativo, pois ele era uma pessoa maravilhosa, velho por que eu na época tinha catorze anos... eu era um menino.

M.C. – E tu continuastes dançando com Dona Sueli?

S.T. – Sim, mas aí abriram-se os horizontes da dança. Por que até então meus horizontes da dança era Santa Maria. Aí eu comecei a viajar, fui para o Rio de Janeiro conheci Dalal Aschar⁴, conheci muitas pessoas importantes do mundo da dança. E como nós éramos poucos homens dançando a nossa ascensão era facilitada. Por que a gente não precisava ter uma técnica excelente bastava que fossemos homens. Por que as meninas eram excelentes e qualquer coisa que nós fizéssemos nós só estaríamos auxiliando a dança. E foi isso que

³ Tony Seitz Petzhold

⁴ Dalal Aschar

aconteceu. O curso de balé clássico eu concluí na Dona Tony e o curso superior de dança eu vim fazer na ULBRA... fui da primeira turma de dança da ULBRA.

M.C. – Gostaria de tu me falasse sobre tua aproximação a escola de Dança de João Luiz Rolla.

S.T. – Bem eu volta e meia fazia aula lá na escola dele. E participei de muitos espetáculos. Um que marcou foi La Sílfi de Chopin, que não lembro bem mas não era o clássico de La sílfi ele fez uma adaptação pois ele era extremamente criativo. Ele tinha um trabalho maravilhoso. Então eu acho que ele ... Eu dancei Masquerade pra ele de Kachiaturian... Mas aluno na escola eu nunca fui aluno dele. Eu fui contratado para dançar na escola. Mas eu tive uma relação com quase todas as grandes escolas de Porto Alegre.

M.C. – Como ele era como professor?

S.T. – Ele era bastante rígido. Na minha época dizem que ele já era um docinho. Por que na minha época não existiam mais varas... xingões assim muito fortes não mais. Mas já era mais branda a situação. Mas no início eu conheço histórias horríveis. Das pessoas serem xingadas e até fisicamente judiadas...[risos] mas graças a Deus na minha época a coisa já era mais light ... mas na base da educação e todos estes... chego a me emocionar ao lembrar deles... mas todos estes mestres da dança de Porto Alegre eram pessoas extremamente delicadas... Chamava atenção à seriedade do trabalho dele. Ele era uma pessoa extremamente correta em tudo que ele fazia. Ele era extremamente simpático agradável com as pessoas. Comigo nem se fala eu sempre tive maior apressado por ele. Quando ele foi internado tentei entrar em contato, mas não consegui descobrir nem onde ele estava. Por que eu sei que ele teve alguns problemas no final da vida bastante tristes que eu nem conheço o teor exato. O que muito me surpreende por que ele era uma pessoa que sempre teve uma quantidade enorme de alunos. Era uma escola enorme eu sempre imaginei que ele era um homem muito rico. Mas de uma simplicidade tu via ele com roupas extremamente discretas. Ele não tinha carro... ele não esnobava nada... mas eu achava... sempre achei que ele era muito rico. Mas depois, eu estava viajando, e quando eu voltei fecharam a escola na época do Colares⁵ tá mais e aí aonde que o Rolla vai? porque a vida inteira ele esteve naquele espaço público, vamos dizer assim, e eu achava sempre achava que ele pagava alguma coisa para prefeitura. Mas alunos e dinheiro eu sempre imaginei

⁵ Alceu Collares

que ele tinha bastante. O trabalho que eu realizei com ele foi no Araújo Vianna⁶ mas em outras locais que a escola dele tenha funcionado não. Só no Araujo.

M.C. – Naquela época em Porto alegre como era considerada a Escola de João Luiz Rolla em relação às outras escolas da cidade?

S.T. – Ele era um dos melhores. A Lenita Ruschel era importante, a Dona Tony Seitz Petzhold era importante, a Marina Fedosejeva⁷ era importante, o Ballet Gutierrez era importante, também teve alguém da educação física que inclusive citou meu nome em um livro a Dona Morgada Cunha⁸ maravilhosa mas ela não tinha escola não tinha nome como escola ela estava muito ligada à educação física.

M.C. – Sobre a formação do professor João o que tem te conhecimento?

S.T. – o que eu sei até hoje é que ele era um autodidata. Ele estudou com a Dona Tony e isso é tudo que eu sei. Ele foi uns precursores da dança, mas é quase só isso que eu sei.

M.C. – Quem eram tuas partners na época?

S.T. – Foram muitas mas eu não lembro o nome delas.

M.C. – Tu lembras de algum professor que tenha vindo dar aulas ou coreografar na escola?

S.T. – Lembro de Graciella Luciane⁹ ela era argentina, Tony Abbot¹⁰ deve ter feito alguma coisa o Ricardo Ordonhes¹¹ mas aí já bem depois. Mas eu tava pensando na minha cabeça era bem o início do meu conhecimento com ele.

M.C. – Temos o registro de críticas feitas nos jornais sobre os espetáculos

S.T. – Sim mas não era na minha época. Era anterior à minha época. Porque anteriormente a dança em Porto Alegre tinha uma importância muito grande. As pessoas me contavam na época que tinha o espetáculo e no outro dia um famoso crítico de arte que escrevia todas as críticas. Mas isso foi morrendo porque as pessoas acabavam ficando ofendida com isso. Eu me lembro que uma ocasião até saiu uma crítica do Ballet Gutierrez e aí o cara que

⁶ Auditório Araujo Vianna

⁷ Marina Fedossejeva

⁸ Morgada Cunha

⁹ Nome sujeito a confirmação

¹⁰ Tony Abbot

¹¹ Ricardo Ordoñes

escreveu foi assim extremamente deselegante com a crítica. Já não era o mesmo crítico e aí essas críticas tenderam a morrer achando que o trabalho dos professores de dança não era um trabalho sério que objetivava somente dinheiro foi essa a crítica da época assim pras meninas Gutierrez. O que foi uma injustiça porque elas eram e ainda são pessoas extremamente imbuídas do sentimento artístico o amor ao trabalho. Claro que paralelo a isso elas podem até ter agregado muito dinheiro porque naquela época eram poucas as escolas e eram poucas as atividades na verdade hoje em dia tem inglês, violão, várias situações e o balé perdeu campo aqui no Brasil perdeu aqui porque agora eu estive em Los Angeles agora em agosto fiz aula de dança lá inclusive e lá o balé é respeitadíssimo, é amado, as aulas são cheias! Mas a cultura brasileira que o negócio é rebolar sabe como é que é tu nasceu com pezinho na dança coisa que não é verdade! Por isso que o balé perdeu um pouquinho do seu glamour, vamos dizer assim. E também a entrada da dança nas escolinhas de maternal, e pré-escolar. Então qualquer menina vai lá e dá aula não existe um órgão que controle e nem esta associação dos professores de dança clássica que antes era forte ela existe com a força que tinha. Então se tu fizer meia dúzia de aula e amanhã quiser abrir uma escola: amém! Tu abre e faz o que tu quer! Então eu acho que isso desmereceu o nosso trabalho.

M.C. – Eu gostaria que tu falasse sobre ser homem e estar na dança.

S.T. – Pra mim foi difícil no início somente. As pessoas não aceitavam foi muito difícil. Mas eu sempre tive muita força e tive força da minha família não tive problemas nenhum de aceitação e consegui fazer deste limão uma limonada muito maravilhosa e que desfruto até hoje! Como tu vê esse atelier hoje eu estou sozinho, mas eu tenho funcionários tem gente que trabalha, que costura, que borda, que pinta, que desenha... faz e acontece aqui dentro e sempre ligado a dança, a arte, aos momentos felizes das pessoas não só no teatro mas às vezes a gente faz debutantes, casamentos tudo quanto é coisa a gente faz aqui. Então eu acho que é dança só veio acrescentar não tenho queixas nenhuma em relação a isso. Agora o professor Rolla como bailarino acho que ele teve algumas dificuldades assim como era normal para todos nós. Mas até onde eu sei eu acho que ele superou na boa. Ele era um artista de cabeça erguida. Ele era uma pessoa séria, tu não via comentários desagradáveis a respeito dele. Pra mim ele foi perfeito

M.C. – Então me fala um pouco há quanto tempo tu tem o teu atelier

S.T. – o atelier existe por uma necessidade. Ele começou há uns dez anos atrás porque a gente não achava profissional que fizesse aquilo que eu precisava para os meus bailarinos. Então eu uni essa experiência de professor de balé e a gente acaba sabendo os segredos todas as viagens que eu fiz, por exemplo, em Londres eu fui visitar a Meca do balé. Então o que aconteceu quando eu vi eu estava com um tutu na mão era quase que impossível não contar quantas camadas de tule tinha e como era feito. Enfim a gente acaba sabendo como essa coisa toda funciona. Então por isso que hoje eu me dedico bastante a figurinos tanto de teatro, como de dança. Estou aberto a qualquer pessoa que queira fazer alguma coisa nesse sentido.

M.C. – Nós encontramos no acervo vários desenhos de Dirson Cattani para o professor Rolla então tu te lembras como era esse trato com figurinos?

S.T. – olha eu acho assim o Cattani¹² foi uma maravilha das artes. Esse senhor, eu até vim a conhecê-lo já bem no final de carreira, mas ele era um colecionador ele era um artista maravilhoso e o professor de dança em geral quando monta um espetáculo uma dança ele sabe o que ele quer ele tem dentro de si ele pode nem saber desenhar não é o meu caso desenho e adoro desenhar, mas em geral tu têm uma visão geral do que tu queres. Às vezes tu precisa mostrar esse desenho para alguém que realmente entenda. E ele contratava o serviço de um figurinista de um desenhista. E o Cattani sempre foi muito ligado à dança porque o Cattani dançou. O Cattani chegou a dançar. Acho que não foi alguma coisa de muitos anos, mas ele chegou a dançar não sei te dizer com quem mas se tu procurar existem registros disto. Não sei se fotográficos ou coisa assim, mas ele teve uma passagem inclusive pela França. Tem vários amigos deles na época considerados uma nata intelectual da época que gostava de dança. Os figurinos eram muito bem feitos, muito bonitos. Ele tinha profissionais excelentes que faziam.

M.C. – Nas críticas da época os figurinos são sempre muito elogiados.

S.T. – é mas eu acho assim que não era tanto assim como as pessoas falam. O que era é que na terra de cego quem tem um olho é rei. Aquilo era a semente do que viria a ser. Então a gente usava uma frase quase que circense falando meninas maravilhosas e figurinos deslumbrantes aquilo era um chavão que todas as escolas usavam. Por que naquela época eu não levava os pais ao espetáculo levava a sociedade ao espetáculo tanto é

¹² Dirson Cattani

que tinha a estreia do espetáculo com a sociedade participando. O primeiro dia de uma obra em Porto Alegre a sociedade participava, os políticos participavam, todas as pessoas importantes. Aquilo era estreia, mas não tinha nem televisão direito na época. Hoje em dia pra conseguir que alguém importante vá a um espetáculo de balé só vai se a filha estiver dançando. Se a sobrinha, a neta ou alguém se não, não vão mesmo...

M.C. – Sobre as relações pessoais com o professor Rolla

S.T. – a nossa ligação era exclusivamente na dança tanto é que ele jamais me visitou e eu jamais o visitei mas tudo que eu sabia dele era em relação à dança eu só encontrava na escola ou em cursos ou espetáculos porque se ia muito a dança em Porto Alegre. Foi uma época gloriosa.

M.C. – Como eram as rotinas de espetáculo?

S.T. – os ensaios eram exaustivos. Ele era muito rápido em colocar as coreografias. Ele montava tudo e quando ele nos chamava, até porque éramos remunerados, então era uma coisa muito rápida. Eu quero isso, isso, isso. Eu tenho algumas fotografias da época mas eram coisas muito rápidas.

M.C. – Estamos encaminhando para o final da entrevista este espaço é teu

S.T. – queria registrar a minha tristeza de terem tirado ele dali do Araújo Viana porque o Araújo Viana concentrava um espaço convergente da dança. Nem estou falando em dinheiro porque eu não sei como é que isso funcionava mas que facilitava a divulgação e o ensino da dança. Depois que ele saiu dali ficou mais difícil à dança meio que se comercializou mais assim... eu não sei posso estar te dizendo uma bobagem porque eu não sei em que termos a escola funcionava e não sei se as pessoas pagavam mensalidade se a prefeitura custeava se ele pagava o aluguel isso nada eu sei eu só sei que ali era um ponto convergente facilitador da dança que hoje não tem infelizmente... o professor foi alguém que abriu muitas portas.

M.C. – Eu agradeço em nome do Centro de Memória e do projeto garimpando memórias a tua entrevista Sidio. Muito Obrigada.

[FIM DA ENTREVISTA]